

A RESPOSTA DO BRASIL AO PROTECIONISMO

Vamos economizar dólares cortando importações de países que estão importando menos nossos produtos

Por conta do plano de acelerar o ajuste do balanço de pagamentos no ano que vem, com a obtenção de um superávit comercial entre US\$ 5 e US\$ 6 bilhões, o governo vai colocar barreiras às importações de países que reduziram suas importações ou simplesmente deixaram de comprar produtos brasileiros, além de reduzir sensivelmente as importações de máquinas e equipamentos destinados ao setor público.

Esse pormenores da estratégia governamental para 1983 foram revelados ontem pelo ministro Ernane Galvães, da Fazenda, que não quis informar, contudo, com que hipóteses, tanto para importações como exportações, as autoridades estão trabalhando na montagem das contas externas do próximo ano. Disse que cada item está sendo examinado individualmente e que tudo dependerá do comportamento das exportações: "Se elas crescerem só 10%, temos de esperar que as importações tenham um crescimento negativo, talvez ainda maior que neste ano".

Considerando que, neste ano, as exportações atingirão o montante de US\$ 20,5 bilhões, um crescimento de 10% em 1983 elevaria esse valor para US\$ 22,55 bilhões. Neste caso, as importações teriam de ser contidas em US\$ 16,55 bilhões para dar um superávit de US\$ 6 bilhões e em US\$ 17,55 bilhões, na hipótese de um saldo positivo de US\$ 5 bilhões. Com os cortes efetuados recentemente e o controle administrativo mais rígido, o Brasil não deverá importar mais de US\$ 20 bilhões, este ano, espera o governo. A obtenção das novas metas, portanto, significaria uma redução de 17,25% e 12,45%, respectivamente. Este ano, em relação ao ano passado, as importações registrarão uma queda de aproximadamente 10%.

Racionamento não

O cumprimento do programa de ajuste das contas externas, que prevê uma redução do déficit em transações correntes para US\$ 8 ou US\$ 8,5 bilhões, não exigirá racionamento de combustíveis, reafirmou o ministro. Galvães acha que o

aumento da produção interna de petróleo, a produção interna de álcool, a utilização de outras fontes energéticas, principalmente a elétrica, e a diminuição do consumo, em consequência da política de reajuste de preços da gasolina e demais derivados de petróleo, que acompanhará a inflação e os preços internacionais, compensarão qualquer corte nas importações de petróleo que precise ser feito.

Além da redução forçada da importação de máquinas e outros bens, o ministro da Fazenda está confiante numa recuperação do mercado externo para atingir o objetivo: "Os fatores externos, que inibiram o crescimento da economia brasileira e desequilibraram o nosso balanço de pagamentos em 1980, 81 e 82, deverão atuar a nosso favor em 1983" — disse Galvães.

A ronda dos ministros

Depois de já terem explicado as novas medidas de ajuste da economia brasileira aos mercados norte-americano, japonês, francês e londrino, as autoridades fazem, agora, uma visita aos banqueiros

alemães. O ministro da Fazenda, Ernane Galvães, embarca no domingo à noite para a Alemanha, onde já tem encontros marcados com os dirigentes das três principais instituições financeiras daquele país (Deutsche Bank, Dresdner Bank e Commerzbank).

Galvães não espera nem mesmo a chegada do ministro do Planejamento, Delfim Neto, cujo retorno ao Brasil está previsto para segunda-feira. A agenda do ministro da Fazenda prevê palestras sobre a economia brasileira a empresários e banqueiros.

Ele retorna ao Exterior dez dias após ter voltado dos Estados Unidos, onde, a pretexto de prestigiar o discurso do presidente Figueiredo na ONU, manteve, juntamente com Delfim Neto, reuniões com os presidentes do Morgan Guaranty Bank, Manufacturers Hanover, City Bank e Trusters Bank. Os dois ministros encontraram-se, também, com o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, motivo pelo qual Delfim atrasou um dia sua ida a Tóquio.